

**Falar de Deus em tempos de crise
Um desafio que a teologia precisa
enfrentar com humildade**

**Speaking of God in times of crisis
A challenge that theology needs to face
with humility**

Valdir Stephanini¹

RESUMO

Este artigo se propõe a fazer uma reflexão sobre a relação que há entre a religião e os momentos de crise aguda vividos pela humanidade, causados pelas pandemias e guerras. A partir da categoria da *kenosis* de Deus, ou *pensiero debole*, proposto por Gianni Vattimo, tendo como fundamento a encarnação do Verbo Divino na pessoa de Jesus Cristo, busca-se mostrar que, mais do que respostas prontas, a teologia precisa adotar uma postura de humildade, reconhecendo não ter todas, nem as melhores respostas aos questionamentos relacionados ao agir de Deus em meio às crises que afetam a humanidade. A questão problema é: como falar de Deus num tempo tão desafiador, em que toda a humanidade é atingida pela crise aguda causada pela pandemia e pela guerra? Depois de mostrar um quadro geral de pandemia e guerra, o artigo fundamenta a abordagem do tema e finaliza com possíveis alternativas que se apresentam para a teologia nesse contexto.

¹ Bacharel em Teologia (1981), Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1998), mestre em Teologia (Faculdades EST, (2010), doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ, 2016), professor da Graduação em Teologia, da Licenciatura em Ciências das Religiões e do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

PALAVRAS-CHAVE

Deus; Teologia; Crise; Diálogo.

ABSTRACT

This article proposes to reflect on the relationship that exists between religion and the moments of acute crisis experienced by humanity, caused by pandemics and wars. From the category of God's kenosis, or *pensiero debole*, proposed by Gianni Vattimo, based on the incarnation of the Divine Word in the person of Jesus Christ, the article seeks to show that, more than ready-made answers, the theology needs to adopt a posture of humility, recognizing that it does not have all answers, nor the best answers to questions related to the action of God in the midst of the crises that affect humanity. The problem question is: how to speak of God in such a challenging time, when all humanity is affected by the acute crisis caused by the pandemic and war? After showing a general picture of the pandemic and war, the article grounds the approach to the theme and ends with possible alternatives that are presented to theology in this context.

KEYWORDS

God; Theology; Crisis; Dialogue.

Introdução

Onde está Deus? Este é o título de um livro que o teólogo católico espanhol Jon Sobrinho escreveu logo depois dos terremotos que atingiram El Salvador, somados aos acontecimentos trágicos dos ataques contra as torres gêmeas nos EUA e a consequente invasão americana no Afeganistão. Três tragédias que abalaram o mundo logo na entrada do novo milênio e afetaram milhões de pessoas de diversos países do continente. Foi uma tentativa de encontrar respostas a uma pergunta inquietante diante de tanta dor e sofrimento enfrentados por milhões de pessoas, a grande maioria delas totalmente inocentes. Com essa obra de Sobrinho é possível aprender muito, sobretudo para o enfrentamento de momentos fronteiros, entre a superação e o desespero.

Hoje com 84 anos, Sobrino² ainda viveu o suficiente para testemunhar tragédias ainda maiores, com dimensões universais, uma pandemia que assola toda a humanidade, em todos os continentes, matando milhões de pessoas, de todas as idades, raças, religiões e condições sociais, a pandemia do novo coronavírus, conhecida como COVID-19. Além disso, testemunha uma guerra que está longe de terminar, entre a Rússia e a Ucrânia, protagonizando cenas de horror, com a morte de civis inocentes, incluindo crianças³, e trazendo consequências catastróficas para a economia mundial.

A grande questão que se levanta nesse artigo é: como falar de Deus num tempo tão desafiador, em que toda a humanidade é atingida por uma pandemia avassaladora e por uma guerra que afeta o mundo inteiro? O objetivo principal é procurar encontrar alternativas para que a teologia se mantenha relevante e consiga cumprir sua missão de transmitir esperança para um mundo desesperado. A partir daí procura-se encontrar caminhos de diálogo por parte da teologia, tanto interna como externamente.

As categorias a serem utilizadas para a construção de diálogos na tentativa de responder às grandes questões que se levantam em meio à pandemia do COVID-19 são a da encarnação, *kenosis*, *pensiero debole*, proposta por Gianni Vattimo, no contexto do fazer teológico na contemporaneidade e a da interdisciplinaridade como entendida por Edgar Morin no contexto da educação do futuro, que também se aplica ao fazer teológico em tempos tão desafiadores.

A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica, com fontes em escritos já produzidos nesse tempo de pandemia aliado a outros escritos relacionados ao tema e aos desafios do fazer teológico, utilizando-se o método do ver-julgar-agir, proposto no fazer teológico no contexto latino-americano.

Na primeira seção, será apresentado um quadro geral vivido pela humanidade, identificando as grandes pandemias enfrentadas pela humanidade nos últimos dois mil anos, com acento nesta que está em ocorrência,

² SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/07/16/menina-de-4-anos-que-morreu-em-ataque-russo-aparece-em-video-gravado-horas-antes-do-bombardeio.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2022.

que mais preocupa todos os segmentos da sociedade, inclusive entre teólogos e teólogas.

Na segunda seção serão apresentados os referenciais teóricos que desafiam o falar de Deus, tanto em tempos de bonança, mas muito mais em tempos de tempestade como este que atravessa a humanidade nesse momento. Aqui serão destacadas as categorias teológicas indispensáveis para uma tentativa de respostas que a teologia deve dar à sociedade para as muitas perguntas relacionadas a Deus e sua ação no mundo.

Na terceira seção, serão apontados possíveis caminhos que levem ao diálogo, tanto internamente, entre os agentes que fazem teologia e os que a proclamam para o povo, como também, e especialmente, diálogo externo com as variadas ciências que se desenvolvem na sociedade contemporânea, muito especialmente com as ciências médicas, sociais e humanas.

1. Uma dura realidade que afeta toda a humanidade

De tempos em tempos a humanidade passa por crises de extrema gravidade, situações que afetam todos os segmentos da sociedade e requerem união de forças para a superação dos desafios que se apresentam. Como exemplo dessas crises estão as grandes pandemias vividas pela humanidade ao longo dos séculos e milênios, além das guerras que insistem em acontecer, mesmo nos piores momentos da história da humanidade.

1.1 Pandemias anteriores

As tragédias humanas causadas pelas pandemias não são novidade para quem conhece um pouco da história da humanidade. Muitas outras pandemias já foram vividas pela humanidade, causando morte, destruição e muito sofrimento humano e para o restante da criação.

1.1.1 A Peste Bubônica

Uma das pandemias mais arrasadoras que antecederam a COVID-19 foi a pandemia da Peste Bubônica, também conhecida por Peste Negra, em

virtude de os corpos apresentarem cor escura após os óbitos, ocorrida ao fim da Idade Média, entre os anos de 1346 a 1352. É considerada uma das maiores, senão a maior epidemia da história da humanidade. Embora os números não sejam exatos, acredita-se que o número de mortos por conta da doença tenha chegado a mais de 70 milhões de pessoas. Só no continente europeu acredita-se que um terço da população tenha morrido em decorrência da doença, cerca de 25 milhões de pessoas. Várias outras partes do mundo, como Ásia e África também foram regiões muito atingidas.⁴

Não demorou para que as pessoas se perguntassem qual a origem da peste, quem eram os culpados e por que aquilo estava acontecendo. Segundo José Martino “para o homem simples do povo, tamanha tragédia só poderia ser explicada, porque Deus estava punindo os homens em virtude de seus pecados”⁵, algo comum de acontecer em tempos de pandemia. Outra leitura feita pela sociedade medieval era de que “a pandemia era a chegada do próprio final dos tempos.”⁶

A exemplo do que está acontecendo e, provavelmente ainda vai acontecer com o evento da COVID-19, os resultados da pandemia da peste bubônica foram desastrosos. “Os negócios paralisaram-se e muitos comerciantes faliram. Escolas e universidades fecharam as portas, por falta de pessoal capaz de dirigir. [...] Grande número de aprendizes deixou de concluir sua aprendizagem resultando num empobrecimento profissional”⁷.

Embora tenha desaparecido em 1352, os desdobramentos da peste bubônica perduraram por muito tempo. A peste permaneceu por mais três séculos, em estado endêmico na Europa, retornando sem muita violência esporadicamente, até que finalmente as pessoas, conseguiram desenvolver anticorpos para se defender da doença.⁸ Por aí pode-se ter uma ideia dos desdobramentos que deverão acontecer com a pandemia da COVID-19, sem previsão de desaparecimento a curto prazo.

⁴ MARTINO, José. *1348: a peste negra*. Atibaia: Excalibur, 2017, p. 80.

⁵ MARTINO, 2017, p. 30.

⁶ MARTINO, 2017, p. 30.

⁷ MARTINO, 2017, p. 31-32.

⁸ MARTINO, 2017, p. 90.

1.1.2 A Gripe Espanhola

Outra pandemia de proporções mundiais que assolou a humanidade e que vitimou milhares de pessoas foi a pandemia que ficou conhecida como gripe espanhola que veio a se tornar mais letal de todos os tempos, em número de vítimas fatais. Segundo Barry a pandemia ocorreu no início do século XX, nos Estados Unidos, afetando milhões de pessoas ao redor do mundo. Ele afirma que:

Em 1918, surgiu um vírus influenza – provavelmente nos Estados Unidos – que se espalharia pelo mundo, e uma de suas primeiras aparições em forma letal ocorreu na Filadélfia. Antes de desaparecer em 1920, essa pandemia mundial mataria mais pessoas do que qualquer outro surto de doença na história da humanidade.⁹

A humanidade ainda se recuperava das consequências de uma guerra mundial e já precisava enfrentar uma enfermidade desconhecida que ameaçava a todos/as pela rapidez com que se espalhava e a letalidade com que dizimava aqueles/as que eram contaminados/as. Com sintomas muito semelhantes aos da COVID-19, a gripe espanhola demandou muitos esforços da área médica na busca de tratamento farmacológico e em busca de vacinas para combatê-la.¹⁰

Um dado interessante sobre a pandemia conhecida como gripe espanhola é que, ao invés de atingir principalmente idosos e crianças, “aproximadamente metade dos que morreram eram homens e mulheres jovens no auge da vida, na faixa dos vinte aos trinta anos”¹¹. Talvez isso tenha acontecido pelo fato de que o vírus ter se espalhado especialmente nos aglomerados de soldados que participavam da guerra. Outro dado interessante é a rapidez com que o vírus se espalhou e o número de vítimas fatais que ocasionou. Barry afirma que

⁹ BARRY, John M. *A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, p. 12.

¹⁰ John M. Barry, um historiador e jornalista norte-americano documentou essa saga em mais de 600 páginas, com detalhes na luta contra o tempo em busca de medicamentos e vacinas de combate da pandemia.

¹¹ BARRY, 2020, p. 13.

Embora a pandemia de gripe tenha se prolongado por dois anos, talvez dois terços das mortes tenha ocorrido em período de 24 semanas, e mais da metade dessas mortes se deu em menos tempo, de meados de setembro a início de dezembro de 2018. A gripe matou mais pessoas em um ano do que a peste bubônica da Idade Média em um século; matou mais pessoas em 24 semanas do que a AIDS em 24 anos.¹²

A exemplo do que começa a acontecer no Brasil nesse mês de março de 2021, o que aconteceu na cidade de Filadélfia, por ocasião da gripe espanhola, ganha contornos de desespero trágico.

Os corpos foram postos em funerárias, ocupando cada área dessas instalações e se acumulando em alojamentos; em necrotérios de hospitais, já invadindo os corredores; nos necrotérios da cidade, já invadindo as ruas. E havia corpos nas casas também. Estavam na varanda, no armário, nos cantos do chão, nas camas. As crianças fugiam da vista dos adultos para observá-los, tocá-los.; as mulheres deitavam ao lado do marido morto, sem querer mexer no corpo ou deixá-lo. Os corpos, lembretes da morte e responsáveis por trazer terror e dor, repousavam sobre o gelo a temperaturas semelhantes às do verão na Índia. A presença deles era constante, um terror desmoralizante para a cidade; um horror do qual não era possível escapar.¹³

Cada pandemia apresenta características próprias, mas a gripe espanhola se assemelha muito ao que a humanidade está vivendo com a COVID-19, podendo essa superar a anterior em número de mortos e no grau de dificuldades causadas, especialmente para o sistema de saúde e o sistema funerário.

1.1.3 Epidemias e pandemias

Depois da gripe espanhola várias outras epidemias e pandemias aconteceram. A tuberculose, doença infecciosa causada pela bactéria *Mycobacterium tuberculosis*, altamente contagiosa, que se prolifera de

¹² BARRY, 2020, p. 13.

¹³ BARRY, 2020, p. 372.

pessoa para pessoa através das vias respiratórias, já matou cerca de um bilhão de pessoas ao redor do mundo, tendo alcançado seu ápice na metade do século passado. A varíola matou milhões de pessoas, tendo sido erradicada na década de 80, graças a uma campanha de vacinação em massa. A AIDS, provocada pelo vírus HIV, doença sexualmente transmissível, foi identificado em 1981 e já matou mais de 20 milhões de pessoas ao redor do mundo e ainda causa muita preocupação para as autoridades sanitárias, tendo sido combatida especialmente através da prevenção com o uso de preservativos nas relações sexuais. A gripe suína, pandemia causada pelo vírus H1N1, surgiu no México em 2009, tendo se espalhado pelo mundo a fora. Mais de 500 milhões de pessoas já vieram a óbito em decorrência dessa enfermidade, que tem sido combatida com vacinas e outras medicações. Em agosto de 2010 foi anunciado o fim da pandemia, meses depois de a vacina passar a ser distribuída. A pandemia do Ebola, que vem se estendendo desde 1976, sobretudo na África Ocidental, sendo que o último surto ocorreu em 2014. Milhares de pessoas já perderam a vida em decorrência dessa pandemia.¹⁴

1.2 Pandemia do COVID-19

A pandemia do novo coronavírus vem assolando a humanidade inteira há quase três anos, fazendo milhões de vítimas ao redor do mundo, mostrando-se muito mais grave do que se imaginava no princípio. Com o avanço das ciências, as pesquisas em termos de tratamentos farmacológicos e a larga experiência dos cientistas no uso das novas tecnologias para as pesquisas relacionadas às vacinas davam a entender que a atual pandemia não se espalharia para o mundo todo antes que se encontrassem caminhos para contê-la, o que de fato não aconteceu de imediato, uma vez que se proliferou, colapsando os sistemas de saúde do mundo inteiro e, particularmente, o Sistema Único de Saúde do Brasil. De norte a sul do país as notícias que se ouviu é que as vagas em leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) eram escassas, sendo que em vários estados a ocupação de leitos dessa categoria passou dos 90%, o que foi considera-

¹⁴ As grandes epidemias ao longo da história. Disponível em <<https://tnsul.com/2020/geral/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia>>. Acesso em 25 jan. 2022.

do um quadro gravíssimo. Notícias como a que foi publicada no dia 30 de março de 2020 foram comuns por todo o país. “Brasil registra 3.780 mortes por Covid-19, num novo recorde em apenas um dia. País também completa 5 dias seguidos de recorde na média de óbitos”.¹⁵

A crise sanitária levou os governos estaduais a tomarem medidas drásticas, decretando quarentenas com o funcionamento limitado do comércio, restringindo-se aos serviços essenciais, o que desencadeou outras crises, como a crise econômica e social. Claudete Ulrich e Vinícius Oliveira descreveram o quadro crítico vivido naquele momento

Enfrentamos, sem dúvida, uma das maiores crises de nossa história. Estamos vendo um colapso nos sistemas públicos de saúde, muitas pessoas desempregadas, escolas, universidades e faculdades fechadas, crianças em casa, *home-offices*, aumento da violência doméstica, feminicídios, racismo e a conseqüente morte ou prisão de pessoas negras, xenofobia.¹⁶

Momentos tão desafiadores como o que a humanidade viveu requer extrema habilidade por parte da teologia, no que diz respeito a falar de Deus, afinal de contas onde está Deus em meio a tanta dor e sofrimento? É disso que o artigo tratará na segunda seção.

1.3 As guerras

Além das catástrofes naturais causadas pelas pandemias, ao longo de sua história a humanidade tem vivido momentos de crises profundas provocadas pelas guerras insanas, promovidas pelo próprio ser humano, por diferentes motivos e motivações. As mais recentes e de repercussão mundial são as duas grandes guerras mundiais e a que está em andamento, entre Rússia e Ucrânia.

¹⁵ Brasil registra 3780 mortes por covid-19: um novo recorde em apenas um dia. Disponível em < <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2021-03-30/brasil-registra-3780-mortes-por-covid-19--um-novo-recorde-em-apenas-um-dia.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

¹⁶ ULRICH, Claudete. B; OLIVEIRA, Vinícius. S. (Orgs). *Pandemia de Covid-19: experiências, espiritualidades e esperanças*, São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2020, p. 11-12.

1.3.1 As duas grandes guerras mundiais e seus desdobramentos

É de domínio público que o século XX foi tomado por acontecimentos de grande porte, que abalaram cenário político e econômico no mundo inteiro. As duas grandes guerras, outras revoluções, acidentes nucleares que ocasionaram morte, dor e sofrimento a milhares de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Segundo Edgar Morin,

O século XX foi o da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda, gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão técnico-industriais [...] A morte introduzida pelo século XX não é somente a de dezenas de milhões de mortos das duas guerras mundiais e dos campos de extermínio nazistas e soviéticos; é também a de dois novos poderes da morte, as armas nucleares e a morte ecológica.¹⁷

Diante de tamanho sofrimento causado por esses acontecimentos, permanece a pergunta: onde estava Deus enquanto milhares de milhões de pessoas inocentes eram torturadas e mortas diante de pessoas sem escrúpulo e sem nenhum senso de humanidade ou de amor pelo próximo?

1.3.2 A guerra entre a Rússia e a Ucrânia

Desde o final de 2021 a movimentação das tropas russas para a fronteira com a Ucrânia vinha crescendo, mas foi no dia 24 de fevereiro de 2022 que a Rússia iniciou o processo de invasão do território ucraniano.¹⁸

¹⁷ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001, p. 70.

¹⁸ APARECIDO, Julia M.; AGUILAR, Sérgio L. C. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. In AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). *Série Conflitos Internacionais*, v. 9, n. 1. Marília: OCI, 2022, p. 1. Disponível em < <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v.-9-n.-1-fev.-2022.pdf> >. Acesso em: 28 jul 2022.

Dentre os muitos motivos para a guerra em vigor, explícitos ou implícitos, pode-se destacar a questão do nacionalismo, como destacam Julia Aguilar e Sérgio Aparecido:

A gênese do conflito entre a Rússia e a Ucrânia é o nacionalismo dos dois países, cujos interesses divergentes há muito geram tensões. Por um lado, há o nacionalismo ucraniano, que foi pró-ocidental desde o início e cuja construção nasceu do desejo de que seu país fosse reconhecido como um Estado independente, não uma parte marginal de outro. Do outro lado está o nacionalismo russo, que moldado ao longo dos séculos por decorrentes de comparações, opõe-se ao Ocidente, entendendo-o como modelo a ser confrontado. De vocação imperial, ele vê a Ucrânia como parte de si mesmo e tem dificuldade em aceitar sua existência soberana. Ainda mais porque essa busca para estar mais próximo do Ocidente dificulta os planos da Rússia de maior influência regional. A manutenção dessa influência, por sua vez, prejudica a participação da Ucrânia nos assuntos europeus e globais. Essa postura às vezes é vista por parte dos ucranianos como uma tentativa da Rússia de criar um império regional informal.¹⁹

Entretanto, não se trata de uma guerra localizada, mas que conta com interesses e disputas internacionais entre o Oriente e o Ocidente, incluindo os Estados Unidos da América (EUA) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)²⁰, disputa que vem acontecendo há muito tempo.

Mais relevante do que saber dos bastidores e das motivações para a guerra em vigor, é perceber as suas consequências para a economia mundial, com os embargos econômicos impostos pelas nações do Ocidente sobre a Rússia e a contrapartida da Rússia em permitir a importação de fertilizantes. Além disso,

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, na sigla em inglês) anunciou durante as primeiras semanas da guerra na Ucrânia que o conflito poderia elevar o preço dos alimentos no mundo entre 8% e 20%. A Ucrânia é um importante país

¹⁹ APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 1.

²⁰ APARECIDO; AGUILAR, 2022, p. 1.

para a agricultura global, ela é responsável pela produção de 17% do milho disponível no mercado mundial. Além disso, Rússia e Ucrânia produzem juntas 15% e exportam 30% do total de trigo consumido mundialmente.²¹

Além disso, outros desdobramentos, como a alta do dólar e dos combustíveis, acabam proporcionando alta nos preços dos alimentos em nível mundial, causando inflação, fome e sofrimento, sobretudo para a população mais vulnerável. E a pergunta permanece viva e ativa: onde está Deus que permite tais atrocidades em pleno século XXI, quando se pensava que a humanidade havia aprendido com as duas grandes guerras vividas no século passado?

2. Falar de Deus num mundo em ebulição

Falar de Deus sempre foi um grande desafio para o ser humano, limitado na capacidade de apreender a revelação do divino e de processá-la de tal forma a ser transmitida de maneira compreensível para a humanidade, desde os tempos mais antigos, como expressa o profeta Isaías: “Verdadeiramente tu és um Deus que te ocultas, ó Deus de Israel, o Salvador” (Isaías 45:15). É sobre esse desafio que será tratado nessa seção.

Quando tudo vai bem é mais fácil falar de um Deus bom, soberano, que está no controle de todas as circunstâncias, embora isso ainda seja desafiador. Falar do Deus que ama a todos/as e que deseja o bem de todos/as quando a maioria das pessoas estão saudáveis, o nível de empregos é alto e do desemprego baixo, as pessoas tem liberdade de ir e vir sem constrangimentos, não requer muito esforço, nem cuidados especiais para não se incorrer em equívocos interpretativos sobre os planos de Deus para a humanidade.

Falar de Deus em tempos de bonança já é desafiador, muito mais em tempos de tempestade, mundo em ebulição como no caso da pandemia

²¹ SANTANA, Beatriz. *Guerra entre Rússia e Ucrânia: quais os impactos para a economia no Brasil*. Disponível em < <https://vestibulares.estrategia.com/portal/atualidades-e-dicas> > Acesso em: 28 jul. 2022.

de COVID-19. Nesses momentos a pergunta que se mantém no imaginário daqueles/as que acreditam na sua existência é: onde está Deus que não impede tanta dor e sofrimento vivido pela humanidade?

Mais do que nunca a teologia precisa encontrar caminhos que possibilitem acesso ao povo sofrido, como o próprio Deus fez ao manifestar-se na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Na epístola aos Filipenses lemos o que se convencionou chamar de a *kenosis* de Deus:

Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a /Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. (Fil. 2:5-10)

Inspirado nessa atitude de Jesus, de abrir mão de sua glória para identificar-se com a humanidade a fim de salvá-la, o filósofo italiano Gianni Vattimo propõe uma postura diferenciada de se fazer teologia, partindo do que ele mesmo chamou de *pensiero debole*, ou seja, pensamento fraco. Segundo Vattimo,

Pensamento fraco significa não tanto, ou não essencialmente, uma ideia do pensamento mais consciente dos seus limites, que abandona as pretensões das grandes visões metafísicas globalizantes, etc; mas, sobretudo uma teoria do debilitamento como traço constitutivo do ser na época do fim da metafísica [...] O *pensiero debole* é uma outra forma de ser no mundo frente à condição metafísica que propõe o pensamento forte, o racionalismo fechado, o discurso unívoco. É por isso uma ontologia debole.²²

É com essa postura de humildade, reconhecendo as limitações, confessando que não tem respostas para todas as perguntas, nem solução para todos os problemas que a teologia deve se aproximar da realidade cruel estabelecida pela COVID-19, procurando dialogar com os mais variados

²² VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998, p. 25.

segmentos da sociedade, procurando encontrar com eles as possíveis saídas para o enfrentamento da grave crise por que passa a humanidade.

Para Vattimo “é a encarnação do filho de Deus que nos libertou do poder da ‘verdade’ em nome do qual se pode perseguir, condenar à fogueira, promover guerras de religião e cruzadas. É verossímil que o pensamento fraco declare que a verdade é Jesus e só ele”.²³ É com essa liberdade que a teologia precisa se apresentar ao mundo em meio a pandemia, para tentar ouvir as grandes questões que a humanidade está fazendo nesse momento, apontando para Jesus como o “Emanuel”: Deus conosco (Mateus 1, 23) em meio ao sofrimento.

Caminhando com Vattimo, Rocha afirma que adotando a postura do pensamento fraco, “não há mais a obrigação de dizer o unívoco, pode-se agora abrir-se à multiplicidade polissêmica e a toda a discursividade na experiência e comunicação da fé”.²⁴ Isso liberta a teologia para que caminhe no meio do povo falando de Deus de maneira amorosa e compassiva, sem a pretensão de ter todas as respostas, nem um discurso acabado sobre a ação de Deus em tempos de pandemia, mas testemunhando da presença confortadora do Consolador, que chora e sofre com o povo.

Mário Miranda, por sua vez, entende que

ao se entregar a este Mistério inatingível e inexprimível, o se humano percebe que não é ele quem fala, porque Deus já falou antes, entregando-se a si próprio e atraindo-o para si. A fala sobre Deus começa no próprio Deus e é, em última instância, uma fala sobre o ser humano enquanto remetido a este infinito amor. Portanto, o discurso autêntico sobre Deus constitui, no fundo, um convite ao silêncio, à adoração e à entrega ao Mistério.²⁵

Embora convocada a falar de Deus, respondendo as perguntas sobre sua presença e ação no mundo nesse tempo de pandemia, a teologia precisa ter discernimento para saber o momento certo de falar e o momento

²³ VATTIMO, 1998, p. 14.

²⁴ ROCHA, Alessandro. R. *Modos de crer e conhecer: relações entre teologia e epistemologia*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p. 116.

²⁵ MIRANDA, M.F. A ação de Deus no mundo segundo Karl Rahner. In: SANCHES, M.A. et all. *Age Deus no mundo? Múltiplas perspectivas teológicas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Reflexão, 2012, p. 213.

certo para se calar. E ao falar, que seja um discurso kenótico desprovido de qualquer teor fatalista, triunfalista, simplista ou onisciente, tornando Deus cúmplice das tragédias e as vítimas objetos de exploração e oportunismos diante de suas fragilidades e dilemas.

3. Diálogos teológicos em tempos de pandemia e de guerra

Diante do tamanho dos desafios que se apresentam para a humanidade contemporânea, restam poucas alternativas para a teologia, além de uma postura dialogal, capaz de ouvir mais do que falar, aprender mais do que ensinar, encontrando caminhos, construindo pontes para que os vastos oceanos do sofrimento humano sejam ultrapassados. É sobre isso que tratará essa última seção do artigo.

3.1 Diálogos internos

Um dos grandes desafios é que a teologia seja capaz de dialogar internamente, ou seja, que os agentes que se dedicam à reflexão teológica, cheguem a um consenso no que diz respeito à leitura que fazem do momento vivido pela humanidade, superando as falsas notícias, as teorias conspiratórias e as leituras fatalistas, a fim de que se entendam na busca de alternativas para se encontrar e proclamem o Evangelho do Reino de maneira mais coesa, contribuindo para que as comunidades de fé sejam devidamente informadas e orientadas e a sociedade em geral seja beneficiada.

Valdir Stephanini cita Bruno Fortes que defende a tese de que para viabilizar o diálogo, há alguns pré-requisitos que precisam ser observados:

1. *Não há diálogo sem humildade.* Dialogar com os demais exige pôr-se humildemente à escuta do outro, renunciando a toda pretensão sobre os demais, para abrir-nos à verdade a qual todos devemos obediência.
2. *Não há diálogo sem escuta.* Escutar significa fazer calar os preconceitos e os medos, estar abertos ao novo, no respeito à diferença, acolhendo o outro com confiança como hóspede interior, no desejo de viver a mesma pertença, por causa da verdade e do amor que salva.
3. *Não há diálogo sem estupor.* O diálogo cria desorientação,

sobretudo interior: maravilhar-se, ver o mundo com outros olhos, sentir-se parte e não o todo, pôr-se em jogo e viver o risco desorienta, porém liberta das falsas resistências e nos torna capazes de acolher a verdade, qualquer que seja sua procedência. Sem estupor o dom está perdido e nenhum diálogo torna-se fecundo. 4. *Não há diálogo sem uma língua comum.* O diálogo não existe se não se fala uma língua comum, entendendo as palavras do outro e, sobretudo, escutando o coração e a vida de onde elas provem: em sua etimologia, diálogo significa precisamente “encontro na palavra” (dia-logos). 5. *Não há diálogo sem silêncio.* O diálogo necessita do silêncio tanto para escutar e refletir sobre o que o outro propõe, quanto para manifestar uma autêntica proximidade, frequentemente, transmitida pelo silêncio mais do que por muitas palavras. Nunca dirás palavras verdadeiras, se antes não caminhas longamente pelos caminhos do silêncio! 6. *Não há diálogo sem liberdade.* Para viver o diálogo temos que ser livres na relação conosco mesmos, dispostos a questionarmo-nos; livres em relação aos demais, recusando os condicionamentos e os medos que, às vezes, eles nos impõem; livres para obedecer somente à verdade que nos torna livres. 7. *Não há diálogo sem perdão.* Quem deseja dialogar, deve libertar a mente e o coração de todo ressentimento pelas feridas recebidas; fazendo memória, o coração deve ser purificado com o pedido e a oferta do perdão. 8. *Não há diálogo sem conhecimento.* A ignorância do outro, de sua cultura, de seu mundo vital, está na base de incompreensões e rejeições: para dialogar, é necessário conhecer o outro e fazer-se conhecer por ele. 9. *Não há diálogo sem responsabilidade.* Quem dialoga não deverá nunca se esquecer da rede de relações humanas de onde procede e pela qual é responsável: o diálogo não elimina, mas aumenta o sentido da responsabilidade que cada um deve ter em relação ao bem comum. 10. *Não há diálogo sem ser fiéis à verdade.* Quem não deseja compartilhar suas próprias razões para viver, crer, esperar, amar; quem não tem paixão pela verdade e não é fiel à sua identidade mais profunda, nunca será capaz de dialogar. No diálogo, o coração se abre a Quem é a verdade, o Deus vivente, que vem habitar naqueles que – dialogando com Ele – acolhem Seu amor.²⁶

²⁶ STEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial?* Um estudo pastoral sobre Pequenos Grupos em Igrejas Batistas do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro, 2016. 236p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 213-214.

Eis uma coleção de desafios que a teologia tem para o diálogo, sobretudo em momentos de crise aguda como a que vive a humanidade diante da pandemia da COVID-19, agravada pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia, sobretudo quando se trata de dialogar com quem pensa diferente, mesmo fazendo parte do mesmo time, ou seja, para o diálogo interno, entre os/as agentes do fazer teológico.

3.2 *Diálogos externos*

Se o diálogo interno, entre os diferentes agentes que fazem teologia, desde os teólogos e teólogas até os líderes das comunidades de fé como os padres, freiras, pastores e pastoras já é desafiador e requer uma postura *kenótica*, é possível se imaginar o tamanho do desafio que representa para a teologia dialogar externamente, com a sociedade, com as ciências humanas, sociais, com os segmentos políticos, e sobretudo com aqueles e aquelas que estão na linha de frente no combate à pandemia.

Nesse caso, além de uma postura de humildade, mais voltado para o serviço, é necessária uma disposição em trabalhar numa perspectiva interdisciplinar, somando com outros segmentos para formar uma coalisão de forças no enfrentamento da crise pandêmica que assola toda a humanidade.

Julio Cezar de Paula Brotto afirma que quando se pensa em diálogos é possível enfatizar quatro verbos: conhecer, conviver, compartilhar e comprometer-se com as pessoas²⁷, verbos que denotam ação, inspirados no diálogo de Deus com a humanidade quando da encarnação do seu Filho, “o Verbo que se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade” (João 1,14).

Conhecer as pessoas é fundamental para dialogar com elas, tanto para ouvir o que elas têm a dizer, como também para transmitir o que se tem a dizer para elas. Pensando em termos de diálogos que a teologia precisa ter com os outros saberes, outras ciências, outros segmentos da sociedade no sentido de se encontrar caminhos para o enfrentamento.

²⁷ BROTTTO, Julio.C.P. *O eternamente novo no mesmo evangelho: implicações teológico-pastorais para a evangelização das tribos urbanas de rosto underground*. Rio de Janeiro, 2016. 212p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 168-169.

Conviver foi uma ação estratégica de Jesus Cristo e passa a ser um imperativo para a teologia que deseja ser feita com os pés no chão, ou seja, a partir da realidade que se vive. Em tempos de pandemia, não há como dialogar com os diferentes setores da sociedade sem conviver com a dura realidade da maioria das pessoas. Embora distanciados fisicamente, é importante que os agentes que pensam e fazem teologia aprendam a conviver com aqueles e aquelas que estão na linha de frente na luta contra as consequências trágicas de uma pandemia que parece não ter fim, nem sinais de abrandamento. A encarnação de Jesus Cristo, já mencionada, é o paradigma desejável, numa postura de humildade por parte da teologia, que deve estar sempre disposta a abrir mão de seus dogmas frios e estáticos, numa disposição para conviver a fim de identificar as reais necessidades das pessoas e servi-las sem humilhá-las nem explorá-las.

Compartilhar o que há de mais humano em meio a tanta dor e sofrimento é indispensável para que o diálogo seja possível. Pensando nas consequências nefastas dos terremotos que abalaram El Salvador em 2001, Sobrino afirma:

A maior tragédia – em um terremoto ou em qualquer outra situação- não são as perdas materiais, mas a destruição do humano. A maior solidariedade é ajudar a reconstruí-lo. A maior esperança é continuar a caminhar, praticando a justiça e amando com ternura. [...] Espero que a solidariedade ajude a reconstruir casas, mas ajude principalmente a reconstruir pessoas, a reconstruir um povo, ainda mais, a construir um povo novo. Espero que ajude a consertar estradas, mas principalmente que ajude a encontrar modos de andar pela vida. Espero que ajude a construir templos, mas principalmente a construir o povo de Deus.²⁸

São grandes os desafios durante a pandemia do COVID-19, que demandam ações concretas de solidariedade por parte de todos os segmentos da sociedade e as comunidades cristãs precisam ser protagonistas de um grande movimento de solidariedade, que inclua o compartilhar tudo o que se tem e tudo o que se é, como na comunidade de discípulos/as de

²⁸ SOBRINO, 2007, p. 39.

Jesus Cristo em Jerusalém, como descrita no livro de Atos dos Apóstolos, capítulos 2 e 4. Entretanto, mais do que solidariedade na partilha de bens materiais, necessário se faz o compartilhamento da mensagem de esperança do Evangelho do Reino, sem, contudo, demonstrar qualquer tentativa de explicar o que está acontecendo, banalizando a fé porque “a fé cristã proíbe banalizar o sofrimento das vítimas, nem sequer apelando a Deus. [...] Não se deve oferecer explicações e receitas fáceis apelando simplesmente a Deus, como se a fé e a reflexão não participassem do desamparo humano diante das catástrofes”.²⁹

Comprometer-se com o ser humano como Jesus, enviado do Pai, na força do Espírito Santo se comprometeu com o ser humano, sofrendo as suas dores e vivendo suas aflições. Como afirma Brotto “a esperança se renova quando estamos comprometidos na construção de relacionamentos sustentáveis e duradouros”.³⁰ Relacionamentos que pavimentem estradas que conduzam a ações de enfrentamento da pandemia e perdure nos grandes desafios que advirão no pós-pandemia, sem reducionismos nem simplismos.

Sobrinho faz um alerta pertinente ao falar da maneira como a teologia deve se aproximar das vítimas das tragédias. Segundo ele, “se há algo que não se deve fazer com as vítimas é reduzi-las a objetos – nem sequer a objetos de beneficência, e menos ainda a instrumentos de propaganda. São sinais e sacramentos de uma realidade misteriosa, a de um Deus que participa de seus sofrimentos”.³¹

Além disso, é preciso destacar que a pandemia da COVID-19 vem revelando uma dura e cruel realidade vivida pela grande maioria da população. Embora o vírus não faça acepção de pessoas, está claro também que nem todas as pessoas tem as mesmas condições para enfrentá-lo. Ao analisar a dura realidade do enfrentamento da pandemia, Boaventura Santos afirma:

É evidente que são menos discriminatórias que outras violências cometidas na nossa sociedade contra trabalhadores empobrecidos,

²⁹ SOBRINO, 2007, p. 55.

³⁰ BROTTTO, 2016, p. 169.

³¹ SOBRINO, 2007, p. 54.

mulheres, trabalhadores precários, negros, indígenas, imigrantes, refugiados, sem abrigo, camponeses, idosos, etc. Mas discriminam tanto no que respeita à sua prevenção, como à sua expansão e mitigação. Por exemplo, os idosos estão a ser vítimas em vários países de darwinismo social. Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão presos em prisões ou em campos de internamento, porque não tem sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar.³²

De alguma forma a teologia precisa denunciar essa dura realidade, dando voz aos marginalizados e marginalizadas, cujas carências vem sendo agravadas com a pandemia.

Mesmo tendo escrito antes da pandemia, Hans Küng escreve um texto que pode ser considerado profético quando diz:

Também na fé cristã conhecemos, conforme Paulo, a verdade, que é Deus, apenas como em um espelho ou enigma, parcialmente e em diversos fragmentos, sempre segundo nossa especial situação de cada momento. Sim, também a cristandade está ‘in via’, a caminho. ‘Ecclesia peregrinans’, ‘homines viatores’. E não estamos sozinhos no caminho, mas acompanhados por milhões de pessoas de todas as confissões e religiões, que seguem seu próprio caminho. E quanto mais o tempo passa, tanto mais nos encontramos num processo de comunicação com elas, em que não se deverá entrar em conflito pelo meu ou o teu, minha verdade ou tua verdade. Ao contrário, todos deveríamos estar dispostos de maneira ilimitada a aprender, a acolher algo da verdade dos outros e a comunicar generosamente a sua própria verdade.³³

Mais do que nunca é necessário aprender a dialogar com o diferente, ouvir as suas dores enquanto no caminho, ou seja, enquanto perdura essa pandemia que assola toda a humanidade, independente de credos

³² SANTOS, Boaventura, S. *A cruel pedagogia do vírus*. Lisboa: Almedina, 2020, p. 23.

³³ KÜNG, Hans. *Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 272.

ou ideologias. Reconhecer as limitações e buscar no outro apoio necessário para unir forças em busca de pontos de saída das múltiplas crises instauradas pela pandemia da COVID-19, cujos desdobramentos são inimagináveis.

Considerações finais

Em momentos de grave crise como a que vive a humanidade desde o final de 2019, é comum as pessoas fazerem muitos questionamentos, dirigidas aos mais diferentes segmentos da sociedade e das mais variadas áreas do conhecimento humano. Nesse contexto, a teologia é convidada a participar e a dar a sua contribuição tanto para maior compreensão do que está acontecendo no mundo, como também para amenizar a dor e o sofrimento causado pelas inúmeras perdas de pessoas, bens e sonhos.

Este artigo procurou apontar caminhos para que a teologia possa dialogar com a sociedade e junto com outras áreas de conhecimento encontrar respostas para as muitas perguntas que pairam no ar nesses momentos desesperadores. Uma delas, talvez a mais pertinente e a mais difícil de ser dada, é dizer onde está Deus nesse momento trágico na história da humanidade e como encontrá-lo para que se ache refúgio e conforto diante de experiências fronteiriças entre a vida e a morte. Está interdito à teologia qualquer discurso fatalista, triunfalista, simplista ou onisciente, tornando Deus cúmplice das tragédias e as vítimas objetos de exploração e oportunismos diante de suas fragilidades e dilemas.

Embora a teologia não tenha respostas a todas as perguntas que são feitas, nem mesmo para a mais crucial de todas elas, é possível, numa postura kenótica, humilde, despretenciosa, dialogal, encontrar indícios de que Deus não está indiferente, nem ausente nesse momento de dor e sofrimento humano generalizado, mas que continua sendo Emanuel, continua conosco, chorando com os que choram, sofrendo com os que sofrem, oferecendo os ouvidos para as preces e renovando as forças aos cansados e sobrecarregados. Mais do que nunca a teologia precisa atualizar a mensagem de esperança, na certeza de que “os que esperam no Senhor renovarão as suas forças; subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; andarão, e não se fatigarão” (Isaías 40,31) além

de reiterar o convite feito por aquele que suportou o peso da cruz, sofreu a dor da separação, mas venceu a morte e vivo está para todo o sempre: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11,28-30).

Referências

- APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. In AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). *Série Conflitos Internacionais*, v. 9, n. 1. Marília: OCI, 2022. p. 1. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatorio-deconflitosinternacionais/v.-9-n.-1fev.-2022.pdf>>. Acesso em: 28 jul 2022.
- BARRY, John M. *A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- BÍBLIA SAGRADA. Versão revisada da trad. de João Ferreira de Almeida. 2. impr. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1987.
- BROTTO, Julio C.P. *O eternamente novo no mesmo Evangelho: implicações teológico-pastorais para a evangelização das tribos urbanas de rosto underground*. Rio de Janeiro, 2016. 212p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- As grandes epidemias ao longo da história. Disponível em: <<https://tmsul.com/2020/geral/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia>>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- Brasil registra 3780 mortes por covid-19: um novo recorde em apenas um dia. Disponível em <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2021-03-30/brasil-registra-3780-mortes-por-covid-19--um-novo-recorde-em-apenas-um-dia.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- KÜNG, Hans. *Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- MARTINO, José. *1348: a peste negra*. Atibaia: Excalibur, 2017.
- MIRANDA, Mário F. A ação de Deus no mundo segundo Karl Rahner. In: SANCHES, Mário, A., KUZMA, Cesar, MIRANDA, Mário de F.

- Age Deus no mundo? Múltiplas perspectivas teológicas.* Rio de Janeiro: PUC-Rio, Reflexão, 2012.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.
- ROCHA, Alessandro. R. *Modos de crer e conhecer: relações entre teologia e epistemologia.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.
- SANTANA, B. *Guerra entre Rússia e Ucrânia: quais os impactos para a economia no Brasil.* Disponível em < <https://vestibulares.estrategia.com/portal/atualidades-e-dicas> > Acesso em 28 jul 2022.
- SANTOS, Boaventura. S. *A cruel pedagogia do vírus.* Lisboa: Almedina, 2020.
- SOBRINO, Jon. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia.* São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- STEPHANINI, Valdir. *Aumento de membresia ou reconfiguração eclesial? Um estudo pastoral sobre Pequenos Grupos em Igrejas Batistas do Estado do Espírito Santo.* Rio de Janeiro, 2016. 236p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- ULRICH, Claudete. B; OLIVEIRA, Vinicius. S. (Orgs). *Pandemia de Covid-19: experiências, espiritualidades e esperanças,* São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2020.
- VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar.* Lisboa: Relógio D'Água editores, 1998.
- VATTIMO, Gianni. O que está vivo e o que está morto no pensamento franco. In: PECORARO, R.; ELGELMANN, J. (org.). *Filosofia contemporânea: niilismo – política – estética.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

Submetido em: 30/09/2022

Aprovado em: 02/12/2022